



# **Narrativas sobre Ciência e Religião e seu impacto na formação em Psicologia**

*Narratives about Science and Religion and their impact  
on academic training in Psychology*

ADRIANA PATRÍCIA EGG-SERRA<sup>a</sup> 

ADRIANO FURTADO HOLANDA<sup>b</sup> 

## **Resumo**

Mesmo após décadas de pesquisas que desmistificam a narrativa de um conflito irremediável entre Ciência e Religião, tal discurso aparenta ter vida própria e segue se perpetuando. O objetivo deste trabalho foi investigar os efeitos dessa narrativa sobre a percepção de estudantes de Psicologia acerca das relações entre as duas esferas e descrever as repercussões de seu contato com a produção científica recente na área. Foram identificados sete elementos constituintes de seus relatos: reflexões e questionamentos acerca do lugar e papel da Ciência e/ou Psicologia em sua relação com a espiritualidade/religiosidade; reconhecimento de um preconceito da Ciência e/ou Psicologia para com a espiritualidade/religiosidade e alienação do tema; reconhecimento da produção científica em espiritualidade/religiosidade, sua importância e necessidade de diálogo com a Psicologia; desconstrução dos mitos sobre um conflito primordial entre Ciência e Religião; reconhecimento da presença do paradigma de conflito entre ambas; reconhecimento da presença, importância e influência da espiritualidade/religiosidade na população; e apontamentos divergentes. Esperamos que os resultados apresentados possam abrir caminhos para a construção de uma narrativa mais coerente com a realidade em que vivemos.

---

<sup>a</sup> Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil. Doutoranda em Psicologia, e-mail: patricia.egg.serra@gmail.com

<sup>b</sup> Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil. Doutor em Psicologia, e-mail: aholanda@yahoo.com

**Palavras-chave:** Narrativas. Espiritualidade/Religiosidade. Ciência. Psicologia. Formação Acadêmica.

## **Abstract**

*Even after decades of research that demystifies the narrative of an irremediable conflict between science and religion, this discourse appears to have a life of its own and continues to perpetuate itself. The objective of this work was to investigate the effects of this narrative on the perception of Psychology students about the relations between the two spheres and to describe the repercussions of their contact with scientific production on the subject. Seven constituent elements of their reports were identified: reflections and questions about the place and role of Science and/or Psychology in their relationship with spirituality/religiosity; recognition of prejudice from Science and/or Psychology towards spirituality/religiosity and alienation from the theme; recognition of scientific production in spirituality/religiosity, its importance and need for dialogue with Psychology; deconstruction of myths about a primordial conflict between Science and Religion; recognition of the presence of the paradigm of conflict between both; recognition of the presence, importance and influence of spirituality/religiosity in the general population; and divergent notes. We hope that the results presented can pave the way for the construction of a narrative more coherent with the reality in which we live.*

**Keywords:** Narratives. Spirituality/Religiosity. Science. Psychology. Academic Education.

## **O mito do eterno conflito**

[...] não é de hoje que *fake news* pautam os rumos da transmissão e recepção de informação. Ao longo do século 20, diversos cientistas iminentes, e mesmo filósofos da ciência, creram e passaram adiante a notícia de que ciência e religião sempre estiveram em conflito [...], dentre muitas outras *fake news* que, exatamente como o termo denota, são inverdades, distorções dos eventos históricos e, em alguns casos, pura invenção sem qualquer conexão com os registros disponíveis (CABRAL; COVOLAN, 2020, p.15).

Nova York, 1853. William, um garoto de oito anos, encontra-se à beira da morte. Sua tia, convertida ao catolicismo, esconde o livro preferido do menino – um devocional protestante – e só o devolve após sua morte. O pai da criança, John William Draper (1811-1882), indignado, expulsa a irmã de casa. Vinte e um anos depois, ele escreve *History of the Conflict Between Religion and Science*

(1874)<sup>1</sup>, relatando a antiga oposição da igreja católica ao progresso científico e descrevendo a perseguição dos pioneiros da Ciência por “teólogos ferozes”, munidos de Bíblias e tochas. O discurso recebeu contra-ataques, reputando-o como “um pano de mentiras” (NUMBERS, 2020). Seu livro, traduzido em vários idiomas, passou por 50 edições nos Estados Unidos (REUBEN, 1996).

Dezembro de 1865, Nova York. Andrew Dickson White (1832-1918), ao fundar a Universidade Cornell, anuncia que esta seria “um refúgio para a Ciência”, onde a verdade não seria “esticada ou decepada precisamente para se moldar à Religião”. Criticado por sua fala, ele profere, em 1869, o discurso *The Battle-Fields of Science*<sup>2</sup>, enumerando um rol de mártires imolados pela Religião em sua grande guerra contra a Ciência, cujo mais recente seria o próprio orador. Sua palestra levantou protestos e oposição, alimentando a controvérsia que se desdobrou em uma obra de dois volumes, *A History of the Warfare of Science with Theology in Christendom* (1896)<sup>3</sup> traduzida em diversos idiomas e reimpressa com frequência até os dias de hoje (NUMBERS, 2020).

Estes relatos encontram-se nos textos do renomado historiador Ronald Numbers (2009, 2020), para quem a narrativa de um embate histórico entre Ciência e Religião é cercada de mitos, sendo o maior deles a própria ideia de um conflito intrínseco e inevitável entre ambas. Segundo o autor, nada contribuiu mais para sua criação que as obras acima citadas. Para além dos 24 colaboradores de Numbers, no livro em que buscam desconstruir tais mitos (NUMBERS, 2020), e outros tantos que têm revisitado a história em busca de um retrato mais fiel e bem documentado de seus desdobramentos (GOULD, 2002; JAMMER, 2000), um contingente admirável de pesquisadores têm estreitado as conexões entre Ciência e Religião ao publicar os achados de seus estudos, que examinam as interfaces entre Espiritualidade/Religiosidade (E/R)<sup>4</sup> e saúde, bem-estar e qualidade de vida (CUNHA; SCORSOLINI-COMIN, 2019a;

---

<sup>1</sup> Em livre tradução: História do conflito entre Religião e Ciência.

<sup>2</sup> Em livre tradução: Os campos de batalha da Ciência.

<sup>3</sup> Em livre tradução: A história do conflito entre Ciência e teologia na cristandade.

<sup>4</sup> Embora as investigações em questão apresentem definições mais precisas dos termos Religiosidade e Espiritualidade, optou-se neste trabalho simplesmente pelo uso do binômio E/R em toda a sua abrangência. Como tratamos aqui da percepção dos estudantes acerca desses conteúdos como um tema geral, e não de um cruzamento de variáveis, preferimos manter a abertura aos sentidos e significados atribuídos na vivência de cada um.

DAMIANO et al., 2016; HEFTI, 2019; KOENIG; KING; CARSON, 2012; LUCCHETTI; LUCCHETTI, 2014; MOREIRA-ALMEIDA; LUCCHETTI, 2016).

A representatividade destes estudos, que demonstram um forte impacto da E/R (por vezes negativo, mas predominantemente positivo) sobre as dimensões acima citadas, tem imposto aos profissionais da saúde um grande dilema: como traduzir seus achados em termos de atuação profissional em um ambiente onde a narrativa de incompatibilidade entre Ciência e Religião permanece arraigada como discurso dominante?

Diante dessa realidade, nosso objetivo neste trabalho foi investigar os efeitos de tal narrativa sobre a percepção de estudantes de Psicologia acerca das relações entre estas esferas. Pretendemos, sobretudo, descrever como as repercussões do contato com a produção científica recente, que desmistifica a oposição entre Ciência (incluindo a psicológica) e Fé, são articuladas por eles.

## **Descrição metodológica**

Este trabalho foi realizado como parte de um projeto mais amplo, que busca compreender e descrever os impactos de uma disciplina de Psicologia e Religião sobre a percepção dos estudantes acerca da intersecção entre as duas áreas representadas em seu título. Com a pesquisa original interrompida pela pandemia de Covid-19, optou-se por realizar uma coleta de dados simplificada durante o período de Ensino Remoto Emergencial, ao qual a disciplina foi adaptada. Para tanto, foram coletados dados de 80 estudantes, matriculados em duas turmas de uma disciplina optativa de Psicologia e Religião, no segundo semestre de 2020, em uma universidade pública brasileira.

Neste trabalho foram analisados os impactos da narrativa de oposição entre Ciência e Religião, bem como de sua desconstrução, sobre os estudantes de psicologia. A disciplina em questão foi formatada com base em demandas resgatadas a partir de estudos empíricos sobre o tema da E/R na formação em psicologia. Todos os conteúdos propostos foram sistematizados em cinco módulos de seis horas, sendo quatro horas assíncronas, assistidas com antecedência, e duas horas de discussão síncrona, em sala de aula virtual.

Para a presente investigação tomou-se como base o primeiro módulo da disciplina, que apresentou aos estudantes os apontamentos de estudos

científicos, explorando a história do desenvolvimento das relações entre Ciência e Religião e entre a Psicologia da Religião e seu contexto de evolução. Tal apresentação se deu por meio de:

1. Artigos científicos de nomes reconhecidos no estudo da Psicologia da Religião e das relações entre Ciência e Religião.
2. Vídeos sobre a temática, publicados pelo Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde (NUPES), da Universidade Federal de Juiz de Fora – centro brasileiro de referência em pesquisas na área.
3. Aula dialogada para reflexão e discussão coletivas.

Para fomentar as discussões posteriores na aula síncrona, ao final das atividades assíncronas de apreensão de conteúdo (textos e vídeos) foi solicitado aos alunos que respondessem abertamente à seguinte questão: “Tendo como base a temática deste módulo, discorra brevemente sobre uma dúvida ou um ponto que chamou sua atenção”. As respostas a esse enunciado trouxeram um rico conteúdo acerca da percepção inicial dos alunos sobre a temática. A análise desta produção é o que compõe o presente trabalho.

As respostas obtidas foram sistematizadas e processadas por meio de uma análise qualitativa de base fenomenológica, orientada pelo método de Giorgi (GIORGI; SOUZA, 2010), que envolve procedimentos técnicos de compreensão geral, tematização e produção de sínteses estruturais. A amostra foi composta por 27 estudantes do sexo masculino e 53 do sexo feminino. Dentre estes, 6 alunos cursavam o 3º ano, 35 alunos o 4º ano, 24 alunos o 5º ano e 15 alunos encontravam-se desperiodizados, com mais de 5 anos de curso. A análise dos dados foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 22559019.8.0000.0102.

## **As percepções dos estudantes**

A atitude fenomenológica na qual se baseia a análise deste trabalho busca conduzir aos modos de aparecimento de um fenômeno à consciência. Pretende, assim, operar uma “análise estrutural dos vividos, ou das partes constituintes de sua evidência” (CASTRO; GOMES, 2011, p. 158). Essa atitude exploratória e compreensiva tornou-se referência para métodos qualitativos

em geral, mas o que a caracteriza como método é a técnica da redução fenomenológica e a suspensão de juízos (CASTRO; GOMES, 2011). Aplica-se a redução fenomenológica por meio da demarcação de unidades de sentido, em busca de evidências essenciais da estrutura dos relatos. Pelo uso da variação imaginativa busca-se a essência das significações obtidas (GIORGI, 2008).

Em nossa análise, após tratados de acordo com o método fenomenológico de Giorgi, os dados dos depoimentos escritos dos alunos evidenciaram o surgimento de sete elementos constituintes da sua percepção acerca da narrativa de um eterno conflito entre Ciência e Religião, bem como de sua desconstrução e implicações no campo da Psicologia. Esses elementos encontram-se descritos nos tópicos apresentados a seguir.

## 1. Reflexões e questionamentos acerca do lugar e do papel da Ciência e/ou da Psicologia em sua relação com a E/R

As reflexões nessa categoria aparecem em duas direções distintas. Ou elas se dão em referência à Ciência, como um campo mais amplo, ou na direção da Psicologia, enquanto área específica. Algumas delas tratam de questões mais elementares, como a impossibilidade de neutralidade na Ciência, ou a compreensão da diferença entre a esfera das evidências e dos discursos, quando se trata do campo científico. Outras reconhecem diferenças históricas na conceitualização da Ciência e suas limitações em termos de explicação de certos fenômenos. Evidencia-se, ainda, o reconhecimento do problema do cientificismo, que, ao assumir um caráter ideológico, se tornaria dogmático.

Em um campo que começa a estabelecer relações mais próximas ao tema da E/R, muitas discorrem sobre questões e implicações do problema mente-cérebro<sup>5</sup>. Algumas reavaliam o materialismo não como explicação única e irrefutável da realidade, mas como um pressuposto, reconhecendo a

---

<sup>5</sup> O problema mente-cérebro diz respeito às várias compreensões das relações entre "mente", ou "consciência", e os processos cerebrais correspondentes. Há diversas teorias, desde aquelas que afirmam uma identificação total entre ambas, até as que defendem uma separação completa. Diferentes interpretações da questão têm implicações distintas sobre a compreensão de fenômenos tidos como experiências espirituais.

possibilidade de exploração dos dados científicos também por um prisma metafísico. Por outro lado, surge uma indagação sobre a compatibilidade da pesquisa experimental com o tema da E/R. Aponta-se, ainda, a descoberta da riqueza das relações entre Ciência e Religião, o reconhecimento tanto da pluralidade das perspectivas científicas quanto das religiosas e a reflexão sobre como seria possível um diálogo e colaboração entre ambas.

No campo específico da Psicologia, surge a dúvida sobre o próprio lugar que esta ocupa no campo da Ciência. Também se questiona a valência da Psicologia em comparação com práticas religiosas/holísticas e emerge uma reflexão sobre os possíveis efeitos (negativos ou positivos) da pluralidade de abordagens na Psicologia sobre o estudo da E/R.

Por fim, como um subgrupo dessa categoria, podemos ainda apontar o interesse dos alunos na temática da Ciência (e/ou Psicologia) & Religião. Aproximadamente 20% dos estudantes apresentaram um interesse declarado em estudar o assunto. Esse interesse se manifestou desde sua generalidade, em relação a estabelecer um diálogo com o campo da E/R (bastante citado) ou a participar de um grupo de estudos, até o estudo da história das relações entre Ciência e Religião e dos aspectos psicológicos da E/R.

Em relação a questões mais específicas, são apontados o interesse nas pesquisas acerca das religiões de matriz africana e indígena ou a investigação sobre o que se encontra no cerne das vivências espirituais. Surgiram também o interesse no estudo da estrutura psíquica da crença, dos fenômenos sobrenaturais, da mediunidade e neurociência, da questão mente-cérebro e na discussão sobre definições de Religião.

## 2. Reconhecimento de um preconceito da Ciência e/ou da Psicologia para com a E/R e da alienação do tema

Esta questão é bastante tematizada pelos alunos. Aponta-se um preconceito que exclui a E/R do campo científico e questiona-se o reducionismo de uma afirmação de incompatibilidade. Percebe-se uma desconsideração e evitação do tema, inclusive reconhecendo as perdas sofridas pela alienação de saberes fora do campo da Ciência, em lugar de estabelecer com eles um diálogo. Identifica-se a falta de reconhecimento de

vivências espirituais como uma visão científicista. Esta conduta acarreta, em alguns relatos, uma postura de indignação.

Surge uma inquietação sobre a invisibilidade e falta de conhecimento do vasto campo de estudos em E/R no país, apontados como um abismo entre a produção de conhecimento em E/R e sua apropriação pela Psicologia. Há uma forte percepção de alienação e descaso com o tema da E/R, encarado como um tabu e um problema na formação em Psicologia. Destaca-se, inclusive, o impacto dos mitos em Ciência e Religião sobre a formação em Psicologia e a presença de um cientificismo materialista na narrativa acadêmica.

Para além de um simples reconhecimento, encontra-se presente o questionamento acerca da alienação desse tema justamente na Psicologia, que é identificada como sua área mais próxima no campo da ciência. Desponta, em vários relatos, uma forte inquietação acerca dos interesses e motivações por trás dessa alienação e da sua incoerência em um país tão religioso. Alguns indicam a percepção de uma questão política que sustenta esse discurso, reconhecido como uma narrativa que dominou o universo acadêmico.

### 3. Reconhecimento da produção científica acerca da E/R, sua importância e necessidade de diálogo com a Psicologia

Uma vez apresentados ao tema da E/R e pesquisas na área, muitos dos alunos mencionam perceber uma necessidade de inserção do tema no diálogo científico, notadamente na Psicologia, especialmente levando em conta a religiosidade da população no Brasil. Muitos também se surpreendem com a descoberta da presença histórica dos estudos acerca da religiosidade desde a fundação da Psicologia e valorizam a importância de uma abordagem histórica.

Em relação à formação, sustentam a necessidade de evidenciar o tema na graduação, desde o início do curso, reconhecendo a importância de abrir espaços de diálogo e ampliar o olhar acerca da E/R. Também destacam a descoberta e o valor da grande produção científica em E/R. Identificam a abrangência do tema da E/R enquanto objeto de estudo da Psicologia da Religião, a importância de conhecer diferentes práticas e religiosidades e a relevância das pesquisas na área para sua abordagem no campo psicológico.



Em relação a questões menos prevalentes, destacamos uma percepção de identificação, na Psicologia, entre religião institucional (bastante criticada) e religiosidade pessoal e a necessidade de separá-las. Outras questões mais pontuais e específicas dizem respeito à possibilidade de diálogo entre os saberes contemporâneos da Ciência e os saberes ancestrais de religiões antigas e sobre a abrangência dos estudos em Psicologia da Religião, no que diz respeito às práticas de tarô, astrologia, alquimia e magia, por exemplo.

Aparece ainda a curiosidade no tocante a uma diferenciação das formas de relação da psicologia com a Religião e acerca do efeito que os mitos em Ciência e Religião geram na produção científica em Psicologia. Em outra direção, despontam dúvidas sobre como separar a religiosidade do pesquisador de seu tema de pesquisa e sobre a eventualidade de uma postura enviesada de alguns pesquisadores em E/R.

Algo que aparece nas respostas de vários alunos é a surpresa pelo fato de a Psicologia da Religião ocupar-se também do comportamento dos não crentes, embora surja uma inquietação pela pouca produção acerca do comportamento ateu, suas motivações e implicações. A importância de estudar o fenômeno é reconhecida, inclusive indicando um possível papel do ateísmo nos processos de saúde/doença. Um aluno relata sua experiência pessoal, declarando limitações no ateísmo que chama de “popular” (citando Richard Dawkins como exemplo) em prover respostas às suas questões.

#### 4. Desconstrução dos mitos acerca de um conflito primordial entre Ciência e Religião

Esta foi uma das categorias que apresentou maior uniformidade nas respostas, com várias delas abordando a quebra do paradigma de incompatibilidade e oposição necessária entre Ciência e Religião e desconstrução do mito de que a igreja impediu o progresso científico. Há também um consistente reconhecimento das relações históricas entre ciência e religião e da circunscrição temporal (e recente) desse antagonismo. Maior esclarecimento acerca do tema da Ciência e Religião, desconstrução de vários mitos e quebra de preconceitos e ilusões também foram mencionados. Uma aluna destaca o alívio experimentado por esta desconstrução.

## 5. Reconhecimento da presença do paradigma de conflito entre Ciência e Religião, na academia e fora dela

Aqui também há uma ampla sobreposição das percepções dos alunos. Há um grande reconhecimento da forte prevalência cultural dos mitos sobre Ciência e Religião e da presença do tema da oposição tanto na graduação quanto em outros níveis escolares e até mesmo no senso comum. Aponta-se a diferença entre os estudos apresentados e o discurso de oposição, a apropriação desse discurso e o desconhecimento de uma visão contrária. Manifesta-se a percepção de existência de uma guerra narrativa no campo e o reconhecimento da dificuldade de desconstrução desse paradigma.

## 6. Reconhecimento da presença, importância e influência da E/R na população

Nesta classe de percepções os estudantes reconhecem a religiosidade intrínseca da população em sua presença esmagadora, assim como a impossibilidade de exclusão da E/R, desembocando na presença inevitável do tema na prática profissional. Em seus relatos a E/R surge repetidamente como constituinte da subjetividade e doadora de sentido. É também reconhecida várias vezes por seu aspecto histórico, social e cultural.

Encontra-se descrita, ainda, como estrutura de suporte para o indivíduo e recurso de humanização, reconhecendo sua importância na construção de saberes e seu potencial sobre questões de bem-estar e enfrentamento do sofrimento. Além disso, menciona-se a percepção da complexidade das relações humanas com a E/R, a humildade necessária para admitir o campo religioso como um saber tão válido quanto o da Psicologia, ressaltando sua distinção, e a importância e valor da Psicologia da Religião nesse contexto.

## 7. Apontamentos divergentes

Apesar de notarmos grande abertura ao diálogo entre Psicologia e Religião por parte dos alunos, alguns apontamentos apresentam também

certa preocupação ou reserva. Foram denominados de apontamentos divergentes simplesmente porque parecem mover-se em uma direção distinta em relação aos demais. Observamos que essa classificação está sujeita à leitura interpretativa dos pesquisadores que procederam à análise, considerando também suas próprias vivências na apresentação do tema.

Estas observações pontuais, que surgiram em meio aos relatos, incluem uma inquietação com a crítica ao "materialismo promissório"<sup>6</sup> e entendimento de que é dever da Ciência denunciar as instituições religiosas como agências de controle. Surge também uma visão de que a população ocidental estaria majoritariamente sob controle de sistemas e doutrinas religiosas.

Outra inquietação se dá pela ideia de que seria delicado incluir na discussão científica um campo percebido como difícil de estudar, apesar de se expressar a intenção de não ser excludente e dogmático. A estranheza pela afirmação de não existência de conflito entre Ciência e Religião também é mencionada, assim como dúvidas a esse respeito devido à forte educação em contrário e a experiências pessoais. Uma aluna achou a discussão superficial.

Aparece ainda um incômodo pela possibilidade de apologia à E/R por parte dos estudiosos do tema; preocupação com a falta de apresentação de discussões sobre temas atuais em Bioética, onde se apresenta um conflito entre Ciência e Religião; inquietação sobre a ausência de referência à perseguição sofrida por mulheres tidas como "bruxas" na idade média, consideradas por muitos como cientistas, e questionamento acerca do recorte de gênero na Psicologia da Religião.

## **As consequências das narrativas no encontro entre ciência e espiritualidade**

Em tempos contemporâneos, a ideia de que a realidade não é dada por mera descrição de fatos, mas por narrativas construídas pela perspectiva de quem as produz tem se popularizado. O termo torna-se cada vez mais

---

<sup>6</sup> Materialismo promissório corresponde à ideia explanada em um dos vídeos do NUPES, segundo a qual a ciência materialista ainda não cumpriu a promessa, sempre renovada, de que seus pressupostos serão cientificamente comprovados. Desta forma ela seguiria como uma perspectiva possível, porém não a única – como é comum supor.

corriqueiro. Mas o que são, afinal, narrativas? Desde os primeiros estudos da Poética de Aristóteles (330 a.C./1992), que abordou a temática a partir da análise da tragédia grega, passando pela retomada do problema por Vladimir Propp (1928/1984), que trabalhou com os contos de fada russos (VIEIRA, 2001), até as incursões mais recentes, o termo tem ganhado diversos contornos.

Como aponta Fonte (2006), a emergência da ciência pós-moderna retirou o ser humano do papel de mero processador de informação, para entendê-lo como construtor de significados (HENRIQUES, 2000), transformando a realidade em “uma estrutura complexa, caótica e multipotencial, preferencialmente acedida através de dispositivos de natureza hermenêutica e narrativa” (GONÇALVES, 1998, p. 257). A partir deste novo olhar, passamos a viver em uma pluralidade de possibilidades admissíveis, criadas pelas nossas próprias distinções perceptivas (GUIDANO, 1991).

Neste contexto, diz Fonte (2006), as narrativas surgem como formas distintas de expressar acontecimentos humanos com significado (BRUNER, 1990). Ou seja, são uma estrutura de significação que organiza acontecimentos e ações humanas em uma totalidade (POLKINGHORNE, 1988). Unindo fatos reais e ficcionais, a narrativa ordena episódios, ações e relatos, incorporando tempo e espaço (SARBIN, 1986). Logo, ela se destaca justamente por constituir um conhecimento intrínseco à experiência do indivíduo (GONÇALVES, 1996) e não, necessariamente, pelo seu rigor de representação da realidade.

Embora a ideia de uma oposição necessária entre Ciência e Religião, que ganhou contornos de verdade indiscutível no século XX, tornando-se hegemônica tanto no universo acadêmico quanto no imaginário popular, seja mais antiga, essa compreensão acerca das narrativas torna-se imprescindível para discuti-la nos dias de hoje. Uma cisão fundamental entre Ciência e Fé nunca antes fora imaginada e atualmente vem sendo desconstruída (GOULD, 2002; JAMMER, 2000; NUMBERS, 2020), circunscrevendo sua valência a um período histórico limitado, mas que tem se estendido pelo desconhecimento das investigações científicas de ponta no universo acadêmico e fora dele.

A impressão que sempre tive durante os tempos de escola e durante o curso é realmente de que esses campos [ciência e religiosidade] são opostos e não devem "se misturar" (Márcia, 7 anos no curso).

Sempre li ou ouvi falar sobre o conflito entre ciência e religião. Com frequência essa temática foi abordada argumentando que não seria possível uma "conciliação" entre ambos (Cristina, 4º ano).

Explorar com os alunos de psicologia a interface entre Ciência e E/R é uma experiência bastante rica, mas também permeada de desafios. Desconstruir os mitos de uma narrativa centenária é uma tarefa árdua, que só pode ser vencida um passo por vez. Considerando os dados descritos acima, gostaríamos de expor algumas reflexões e apontamentos, que partem dos relatos dos estudantes e, vez por outra, são ilustrados por pequenos excertos extraídos deles. Seus nomes são fictícios, mas o desalojamento que repercute em sua fala nos conecta indiscutivelmente com uma realidade difícil de ignorar.

Para mim, os pontos que mais chamam a atenção são os mitos acerca da relação entre Ciência e Religião. São questões tão enraizadas na cultura que quando vemos o mito ser desconstruído com fatos históricos e dados importantes, é como um respiro no meio de uma guerra de narrativas (Ana, 4º ano).

Ao nos debruçarmos sobre a experiência dos estudantes, refletida nos breves relatos em que revelam seus pensamentos e reflexões, percebemos a forte presença de um horizonte interpretativo que atravessa sua vivência de formação. Esse horizonte, pano de fundo sobre o qual precisam construir suas articulações próprias com os saberes científicos, é artificialmente deformado pela retirada arbitrária de um componente essencial para sua compreensão. Nesta tarefa, passados mais de cento e vinte anos, ainda são, paradoxalmente, orientados por uma narrativa constituída, em grande parte, a partir de um conhecimento intrínseco à experiência de Draper e White – independentemente de sua correspondência com a representação da realidade – mais do que pelas evidências científicas produzidas por anos de pesquisas desde então.

Apesar do conflito entre religião e ciência ser reconhecido como um mito, [...] mesmo que seja estritamente narrativo, [...] e apesar da história, revisitada, nos mostrar que é uma oposição ideológica, esse conflito é vivido psicologicamente de forma muito verdadeira. Podendo produzir relações ambivalentes com o campo da religiosidade e com o campo do saber científico (André, 4º ano).

Destacada como uma medida importante e inescusável por diversos órgãos de classe no campo da saúde, a integração da espiritualidade nos processos terapêuticos tem esbarrado constantemente na falta de formação e treinamento dos profissionais envolvidos (OLIVEIRA, 2017). A força da narrativa que exclui a religiosidade do campo da Ciência tem impedido que os resultados das pesquisas atuais sejam conhecidos e incorporados por estes profissionais, especialmente no campo psicológico (EGG-SERRA et al., 2022; HOLANDA; PEREIRA, 2020). Na formação em Psicologia são inúmeras as barreiras encontradas, apontadas e reiteradas seguidamente por diversos estudos empíricos nos últimos 20 anos (em ordem cronológica: FREITAS, 2002; GASTAUD et al., 2006; COSTA et al., 2008; CAVALHEIRO, 2010; FERRETI, 2010; PINHO, 2012; GANDELMAN, 2013; VIEIRA; ZANINI; AMORIM, 2013; SOUZA, 2014; ASSIS; NERES; LEITE, 2016; PEREIRA; HOLANDA, 2016; SILVA, 2016; CUNHA; SCORSOLINI-COMIN, 2019; SWATOWISKI; SILVA; ALVARENGA, 2019).

Os estudos acima têm indicado que, em relação a outros estudantes universitários, alunos de Psicologia apresentam menores índices de bem-estar espiritual e maior impacto do meio acadêmico sobre a própria religiosidade. Também sofrem com dificuldades, insegurança e questionamentos éticos – pessoais e profissionais – quando confrontados com a manifestação do tema da E/R em sua atuação prática. Para além da falta de conhecimento e capacitação no manejo teórico-clínico, que são igualmente descritos, desponta, por fim, a dificuldade ou impossibilidade de abordar tais questões com professores e supervisores de estágio.

Não é difícil compreender as dificuldades apontadas pelos estudos citados, afinal, a crença arraigada na oposição entre Ciência e Religião foi absolutamente naturalizada nas representações dos estudantes, remetendo às dicotomias ontológicas da constituição do pensamento filosófico em solo grego. Mas é preciso recuperar essa discussão para além de uma posição polarizada e metafísica na direção de uma reflexão dialética.

A universidade é entendida, paradoxalmente, tanto como espaço de multiplicidade de ideias quanto como um espaço ateu e, portanto, um lugar fechado, em que o assunto da E/R gera incômodo, desconforto. O ambiente acadêmico é percebido como espaço sem abertura e até mesmo hostil, discriminatório, onde crentes praticantes são encarados com estranhamento

e espanto. Esta contradição leva a um questionamento sobre o tipo de dinâmica que está sendo desenvolvida para privilegiar um sectarismo tão contundente.

Sendo médium umbandista, lidar com pessoas que levam tudo pro lado de um cientificismo materialista é algo recorrente e muito difícil, porque pessoas como eu são vistas como delirantes, e nossas vivências são desacreditadas [...] e eu não conseguia ver tão explicitamente esse meio termo entre o cientificismo materialista e a "crendice" religiosa, então pra mim essa questão tem um grande envolvimento emocional (Luzia – 4º ano).

Como se vê, a Psicologia enfrenta um grande paradoxo. Enquanto, por um lado, o número de trabalhos científicos vem crescendo vertiginosamente na área de E/R e saúde, com uma grande representatividade da produção brasileira (ESPERANDIO et al., 2019), por outro, o desconhecimento e a resistência em incorporar os resultados de tais estudos à formação, obstinadamente, tem se mantido. Se, por um lado, tem se comprovado uma forte influência da E/R sobre a saúde mental e qualidade de vida, por outro, quanto maior o grau de formação dos profissionais da psicologia, menor a chance de acreditarem nestes dados (PAULINO, 2019).

Se, por um lado, o Código de Ética Profissional do Psicólogo (CEPP) preconiza a promoção da integridade do ser humano e a contribuição para a eliminação de quaisquer formas de negligência e discriminação (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005), por outro, a formação de seus profissionais aliena uma dimensão fundamental do sujeito enquanto parte desse processo e, em certa medida, o próprio sistema de Conselhos formaliza narrativas que contribuem para esta alienação, quando defende arraigadamente a laicidade e a secularização na profissão (QUINHONES; HOLANDA, 2022).

Ao pensar no impacto da narrativa de oposição entre Ciência e Religião na formação em psicologia, fica claro que um de seus resultados mais contundentes é a invisibilidade e silenciamento do tema da E/R. Para além da força desse discurso e sua onipresença, destaca-se a promoção de um esquecimento e de um apagamento da história. Essa lacuna é reconhecida pelos alunos, na medida em que são confrontados com a presença do campo da E/R desde o nascimento da psicologia como Ciência.

Me chamou a atenção o quanto a religião e a ciência caminharam juntas no decorrer da história, pois nos ensinam durante todo o processo educacional que uma diverge completamente da outra, que ambas são grandes rivais e precisam se destruir (Luzia, 4º ano).

[...] acabei refletindo sobre o quanto se perde quando não se conhece a história do tema sobre o qual se quer discutir. E, especialmente em religião, o papel da perspectiva histórica ganha ainda mais importância quando se busca melhor compreender os eventos ocorridos/descritos (Cláudia, 4º ano).

Outra consequência que podemos observar é a alienação do reconhecimento dos aspectos ontológicos e antropológicos constitutivos do próprio contexto do que é ser humano. O esquecimento da E/R resulta no alienamento dos significados e sentidos da nossa própria condição de humanidade. A psicologia se apropria de um discurso que envolve saúde, cuidado, integralidade e integração, mas segmenta – e, portanto, acaba excluindo – parcelas significativas e relevantes das estruturas constituintes de sentido e significado para o sujeito. Ao reconhecer a presença, importância e influência da E/R na população, vários alunos destacaram esse aspecto.

[...] ao lidar com o outro é quase impossível não se deparar com a espiritualidade do sujeito. E é justamente essa espiritualidade que muitas vezes ajuda o sujeito a encontrar sentido para a vida (Elisa, 7 anos no curso).

[...] pode-se observar que o dialogar com questões que perpassam a religião no âmbito da psicologia é de extrema importância para abarcamos o papel da mesma na reestruturação de sentidos e significados que o sujeito atribui acerca de sua existência (Márcia, 6 anos no curso).

Em um lapso curioso de amnésia, ao se afastar dos conteúdos de significado e relações de sentido associadas à E/R, a Psicologia esquece do protagonismo que desempenham no desenvolvimento do discurso de inclusão social, de inserção política na sociedade e de consideração aos direitos humanos, tão caros à imagem construída pela profissão. Cria-se uma falsa dicotomia em torno do que é religioso versus o que é social ou científico. Essa narrativa segmentada e sectária é profundamente contraditória.

Uma psicologia que se considera e se fundamenta na ideia do social, defendida no contexto da formação e da profissão, precisa também considerar a religião em seu aspecto intersubjetivo, a partir de sua expressão social e



cultural. O saber religioso não é distinto do saber tradicional. Há um entrelaçamento intrínseco entre o religioso e o natural que não permite separar aquilo que é entendido como mundo espiritual do mundo objetivo e concreto, mas nos obriga a reconhecer, acolher e trabalhar um certo dualismo dialético presente nessa relação. Este aspecto é reconhecido pelos estudantes.

[...] na realidade, essas práticas e vivências são dadas, ensinadas, realizadas e reforçadas no coletivo, [...] possuem linguagem, rituais, comportamentos, valores, como uma verdadeira cultura. Por isso, achei interessante a menção do contexto social que engloba o debate da Psicologia e Religião, mostrando que existe uma profundidade neste fenômeno, não se tratando apenas do indivíduo, subjetividade e sua relação com o divino (Clara, 5º ano).

Afinal, as relações e influências das religiões na subjetividade e comportamento humano são inúmeras e de grande peso, mesmo nos que se dizem indiferentes ao tema... afinal, somos todos altamente permeáveis e influenciáveis pela cultura e pelo meio social que vivemos (Carlos – 5º ano).

Como se constituem, então, essas forças dissonantes? Como se mantém tal incoerência? Infelizmente a narrativa do eterno conflito entre Ciência e Religião não é uma força solitária dentro do contexto acadêmico (e fora dele). Ela anda de braços dados com o discurso da laicidade, igualmente deformado na direção de uma oposição ao princípio da E/R no contexto da profissão. Essa distorção fica evidente quando, no Sistema Conselhos de Psicologia, o tema da laicidade aparece invariavelmente associado ao artigo do CEPP que veda a indução de convicções religiosas no exercício profissional (CFP, 2005, art. 2, b; QUINHONES; HOLANDA, 2022).

Como se não bastasse a diferença do peso com que se evidencia a E/R em relação a todas as outras vedações do mesmo artigo (convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, etc.), é sintomático – como bem observam Quinhones e Holanda (2022) – que a única referência à E/R no principal texto regulador da profissão demarque seu lugar no campo das interdições. Para além do óbvio contrassenso, é impossível não identificar um componente ideológico nesse discurso, que confunde laicidade e laicismo.

Essa é a principal fonte de fomento ao silenciamento da E/R na formação, desembocando na ausência quase completa de oferta de disciplinas que abordem a temática – que, quando existem, são sempre optativas, com denominações diversas, dificultando até mesmo a compreensibilidade do

fenômeno (EGG-SERRA et al., 2022). Tal dinâmica indica uma contínua refração à aproximação de um diálogo nesse campo, desembocando na replicação irrefletida de um discurso irracional e desconectado da realidade empírica.

Me surpreendeu a falta de atenção dada, no Brasil, à Psicologia da Religião. [...] o que fica claro é o descaso dos psicólogos como classe. O que me deixa confuso é: como a situação pode ser e ter sido esta, dado que nosso país possui tanta riqueza cultural quando o tema é a religião? O que me parece é que uma força dogmática e que se supõe científica tomou conta do campo acadêmico no país já há muito tempo, buscando expulsar a tudo que cabe o termo "religião" para fora desse espaço importante que é a Academia (Júlio, 4º ano).

Paradoxalmente, esse alheamento da psicologia para com o tema da E/R não provém de uma lacuna no conhecimento científico. Pelo contrário, vai na contramão de todo o conhecimento recente produzido e propõe um discurso que encapsula os próprios resultados dessas pesquisas. É como se não houvesse interesse nos resultados de investigações que destoem da narrativa escolhida e estabelecida. Essa ideologia dominante na construção da formação em Psicologia impede o reconhecimento do seu próprio caráter científico.

Aliás, em outro episódio de amnésia seletiva, a psicologia omite, ignora e desconsidera sua própria história, como já apontamos. Afinal, para além do robusto corpo de pesquisas recentes, as investigações no campo religioso a acompanham desde o seu nascimento, com obras e nomes reconhecidos como *Psychology of Religion*, de Edwin Starbuck (1899), *The Varieties of Religious Experience*, de William James (1902), *Les principes e Observations de la psychologie religieuse*, de Theodore Flournoy (1902, 1903), os estudos sobre a religiosidade adolescente e sobre a figura de Cristo, de Stanley Hall (1904, 1917) e o próprio trabalho de Wundt, que, em três dos dez volumes de sua extensa obra *Völkerpsychologie*, analisa o mito e a Religião (DANZIGER, 1983; GREENWOOD, 2003; ALETTI, 2012).

Após a leitura de todo o material (textos e vídeos) me resta indagar: por que a Psicologia da Religião tem tão pouca presença nos cursos de Psicologia (graduação no Brasil? Ainda mais um país com tamanha "efervescência" religiosa. Seria, pois, produto de um pré-conceito academicista? Receio de perda da credibilidade da "ciência" ao se aproximar de tal tema "espiritual"? (Luis, 5º ano).

Ademais, pensando na constituição da psicologia enquanto Ciência e na formação do psicólogo, se nós tomamos o humano na sua complexidade e integralidade como nosso objeto, não podemos alienar seus aspectos constituintes. A religião contrariou, teimosamente, ao longo do último século, todas as profecias iluministas que profetizaram sua morte iminente. Vivemos um renascimento da busca pelo Sagrado e precisamos nos haver com a sua presença em nossa atuação profissional, quer queiramos ou não.

Se esta é uma dimensão humana inalienável, não nos resta, portanto, outra atitude a tomar que não seja respeitar, reconhecer, acolher e integrar essa importante dimensão aos processos terapêuticos em saúde. Isso não apenas não macula o aspecto laico da Ciência, como também reconhece o contexto antropológico da própria constituição da subjetividade das pessoas a quem serve. Essa, no entanto, é uma reflexão que tem passado ao largo da formação em psicologia.

[...] o que mais chama a atenção é: a psicologia, enquanto um campo muito qualitativo, subjetivo, voltado a experiências e percepções tão individuais se afastar tanto (na generalidade) desse tema que, se comparado a outros campos de estudo, tem justamente com ela um alto grau de similaridade e compatibilidade (Flávio, 4º ano).

Pela primeira vez, ao longo de toda a minha formação (e estou me encaminhando para o fim do curso), fui levada a refletir sobre um aspecto tão essencial quanto o conjunto de crenças religiosas que, invariavelmente, atravessará, de um modo ou de outro, minha prática profissional [...]. Outro ponto que gostaria de sublinhar é a lição de humildade que me foi passada por ser obrigada a enxergar a religião como um conjunto de saberes tão válidos quanto a ciência psicológica (Teresa, 5º ano).

## **Considerações finais**

Nosso objetivo nessa investigação foi compreender o impacto da narrativa de incompatibilidade entre Ciência e Religião – assim como das reflexões desenvolvidas a partir do conhecimento científico que desmistifica esta posição – sobre a percepção de estudantes de psicologia acerca das relações entre estas duas esferas. Buscamos apresentar neste breve texto, de uma forma sistemática, aquilo que se mostrou enquanto perspectiva revelada do fenômeno, sem nenhuma ilusão de encerrar sua totalidade.

A exploração dos relatos trouxe a emergência dos seguintes temas: reflexões e questionamentos sobre o lugar e papel da Ciência e/ou Psicologia em sua relação com a E/R; reconhecimento de um preconceito da Ciência e/ou Psicologia para com a E/R e da alienação do tema; reconhecimento da produção científica sobre E/R, sua importância e necessidade de diálogo com a Psicologia; desconstrução dos mitos acerca de um conflito primordial entre Ciência e Religião; reconhecimento da presença do paradigma de conflito entre Ciência e Religião, na academia e fora dela; reconhecimento da presença, importância e influência da E/R na população; e apontamentos divergentes.

Ao longo de nosso trabalho, nos vimos confrontados com uma série de impasses, contradições, paradoxos e ambiguidades que se apresentaram no encontro da narrativa de um distanciamento da E/R do espaço científico com a realidade concreta e palpável da sua presença no campo perceptivo de nossos estudantes. Dada sua indissociabilidade, tanto da esfera das construções de sentido e significado, quanto da tecitura da trama social e cultural que envolve o sujeito e fornece o pano de fundo necessário para o seu desenvolvimento histórico, julgamos impossível ignorá-la.

No entanto, o não dito da E/R na formação em psicologia é um silêncio que fala alto. Que acolhe inúmeras experiências igualmente caladas. E que demanda ainda um longo caminho a percorrer na direção de rompê-lo. Quebrar com esse tabu significa criar um espaço de acolhimento e de abertura onde o tema possa ser explorado em toda a sua riqueza; onde se permita o diálogo, a troca, o reconhecimento da alteridade, que não significa oposição, mas o deslocamento para enxergar um outro ponto de vista. Esperamos que os resultados apresentados possam contribuir para uma inserção mais efetiva de um espaço de diálogo acerca da E/R nos processos de formação em Psicologia no Brasil.

## Referências

ALETTI, M. A Psicologia diante da Religião e da Espiritualidade: Questões de conteúdo e de método. In: FREITAS, M. H.; PAIVA, G. J. (org.). *Religiosidade e cultura contemporânea: Desafios para a Psicologia*. Brasília: Universa, 2012. p. 157-190.

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Ars Poética (Original publicado em torno de 330 a.C.), 1992.

ASSIS, C. L.; NERES, D. S.; LEITE, P. O. Do “Crer para ver” ao “Ver para crer”: Mudança de comportamento religioso na percepção de estudantes concluintes de um curso de Psicologia. *Caminhando*, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 61–86, 2016. DOI: 10.15603/2176-3828/caminhando.v21n1p61-86. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/view/5953>.

BRUNER, J. *Acts of meaning*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

CABRAL, M.; COVOLAN, R. Prefácio à edição brasileira. In: NUMBERS, R. L. (org.). *Terra plana, Galileu na prisão e outros mitos sobre ciência e religião*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

CASTRO, T. G.; GOMES, W. B. Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: Tradições e tendências. *Estudos de Psicologia*, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 153-161, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n2/03.pdf>.

CAVALHEIRO, C. M. F. *Espiritualidade na clínica psicológica: Um olhar sobre a formação acadêmica no Rio Grande do Sul*. 2010. 143 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Universidade do Vale do Rio do Sinos, [S. l.], 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2909>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - CFP. Código de ética profissional do psicólogo. Brasília. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>.

COSTA, C. C.; BASTIANI, M.; GEYER, J. G.; CALVETTI, P. Ü.; MULLER, M. C.; MORAES, M. L. A. Qualidade de vida e bem-estar espiritual em universitários de psicologia. *Psicologia em Estudo*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 249-255, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a07v13n2.pdf>.

CUNHA, V. F.; SCORSOLINI-COMIN, F. A dimensão Religiosidade/Espiritualidade na prática clínica: Revisão integrativa da literatura científica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, [S. l.], v. 35, 2019. a. DOI: 10.1590/0102.3772e35419.

CUNHA, V. F.; SCORSOLINI-COMIN, F. A religiosidade/espiritualidade (R/E) como componente curricular na graduação em Psicologia: relato de experiência. *Psicologia Revista*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 193-214, 2019. b. DOI: 10.23925/2594-3871.2019v28i1p193-214. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/39837>.

DAMIANO, R. F.; COSTA, L. A.; VIANA, M. T. S. A.; MOREIRA-ALMEIDA, A.; LUCCHETTI, A. L. G.; LUCCHETTI, G. Brazilian scientific articles on Spirituality, Religion and Health. *Archives of Clinical Psychiatry* (São Paulo), [S. l.], v. 43, n. 1, p. 11-16, 2016. DOI: 10.1590/0101-60830000000073. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832016000100011&lng=en&nrm=iso&tling=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832016000100011&lng=en&nrm=iso&tling=en).

DANZIGER, K. Origins and basic principles of Wundt's *Völkerpsychologie*. *British Journal of Social Psychology*, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 303-313, 1983. DOI: 10.1111/j.2044-8309.1983.tb00597.x. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1111/j.2044-8309.1983.tb00597.x>.

EGG-SERRA, A. P.; HOLANDA, A. F.; PEREIRA, K. C. L.; SUDARO, F. K. D. Silêncio que fala: Espiritualidade/religiosidade nos currículos de Psicologia em Universidades Públicas brasileiras. In: HOLANDA, A. F. (org.). *Espiritualidade, religiosidade, psicologia e saúde: Diálogos e pesquisas*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022. p. 15-45. DOI: 10.22350/9786559174966. Disponível em: <https://www.editorafi.org/ebook/496espiritualidade>.

ESPERANDIO, M. R. G.; ZANGARI, W.; FREITAS, M. H.; LADD, K. L. Psicologia da Religião no Brasil: Maturidade com vigor de juventude aberta aos desafios. In: ESPERANDIO, M. R. G.; ZANGARI, W.; FREITAS, M. H.; LADD, K. L. (org.). *Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: Estado atual e oportunidades futuras*. Curitiba: Editora CRV, 2019. p. 11-15.

FERRETI, M. L. C. Crenças religiosas entre estudantes de graduação em psicologia. 2010. 120 f. Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Saúde – Universidade Federal do Rio de Janeiro, [S. l.], 2010. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/mestrado/arquivos/dis.MaraFerretti.pdf>.

FLOURNOY, T. Les principes de la psychologie religieuse. *Archives de Psychologie*, [S. l.], v. 2, p. 33-57, 1902.

FLOURNOY, T. Observations de psychologie religieuse. *Archives de Psychologie*, [S. l.], v. 2, p. 326-371, 1903.

FONTE, C. A. A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. *Psicologia: teoria e prática*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 123-131, 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872006000200009&lng=pt&nrm=iso&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872006000200009&lng=pt&nrm=iso&lng=pt).

FREITAS, M. H. *Crença religiosa e personalidade em estudantes de Psicologia: um estudo por meio do Questionário Pratt e do Método de Rorschach*. 2002. Tese de doutorado – Universidade de Brasília, [S. l.], 2002. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/409562638/Crenca-religiosa-e-personalidade-em-estudantes-de-psicologia-Um-estudo-por-meio-do-Questionario-Pratt-e-do-Metodo-de-Rorschach>.

GANDELMAN, T. C. *A religiosidade e a espiritualidade dos alunos no curso de formação de psicólogo*. 2013. 115 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [S. l.], 2013. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15267>.

GASTAUD, M. B.; SOUZA, L. D. M.; BRAGA, L.; HORTA, C. L.; OLIVEIRA, F. M.; SOUSA, P. L. R.; SILVA, R. A. Bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores em

estudantes de psicologia: Estudo transversal. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 12-18, 2006. DOI: 10.1590/S0101-81082006000100003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-81082006000100003&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082006000100003&lng=pt&tlng=pt).

GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: Teoria, prática e avaliação. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, Jean-P.; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, Á. P. (org.). *Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 386-409.

GIORGI, A.; SOUZA, D. *Método fenomenológico de investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século, 2010.

GONÇALVES, O. F. Cognição, narrativa e psicoterapia. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, [S. l.], v. 1, n. 2, 1996.

GONÇALVES, O. F. *Psicoterapia cognitiva narrativa: Manual de terapia breve*. Campinas: Editorial Psy, 1998.

GOULD, S. J. *Pilares do tempo: Ciência e religião na plenitude do tempo*. São Paulo: Roco, 2002.

GREENWOOD, J. D. Völkerpsychologie, and experimental social psychology. *History of Psychology*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 70–88, 2003. DOI: 10.1037/1093-4510.6.1.70. Disponível em: <http://doi.apa.org/getdoi.cfm?doi=10.1037/1093-4510.6.1.70>.

GUIDANO, V. F. *The self in process*. New York: The Guilford Press, 1991.

HALL, G. S. *Adolescence: Its psychology and its relations to psychology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education* (2Vls.). New York: Appleton, 1904.

HALL, G. S. *Jesus, the Christ, in the light of psychology*. New York: Doubleday, 1917.

HEFTI, R. Integrando espiritualidade no cuidado com a saúde mental, psiquiatria e psicoterapia. *Interação em Psicologia*, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 308–321, 2019. DOI: 10.5380/psi.v23i02.68486.

HENRIQUES, M. *Narrativas e agorafobia: Construção e validação de uma narrativa protótipo*. 2000. Universidade do Minho, Braga, [S. l.], 2000.

HOLANDA, A. F.; PEREIRA, K. C. L. Religião e Espiritualidade no campo da Saúde: Questões para a educação superior. *Paralellus Revista de Estudos de Religião – UNICAP*, [S. l.], v. 11, n. 28, p. 619, 2020. DOI: 10.25247/paralellus.2020.v11n28.p619-640. Disponível em: <http://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/artide/view/1742>.

JAMES, W. *The varieties of religious experience: A study of human nature*. New York/London/Bombay: Longman, 1902.

JAMMER, M. *Einstein e a Religião: Física e teologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

KOENIG, H. G.; KING, D. E.; CARSON, V. B. *Handbook of religion and health* (2nd ed). New York: Oxford University Press, 2012.

LUCCHETTI, G.; LUCCHETTI, A. L. G. Spirituality, religion, and health: Over the last 15 years of field research (1999-2013). *The International Journal of Psychiatry in Medicine*, [S. l.], v. 48, p. 199-215, 2014.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; LUCCHETTI, G. Panorama das pesquisas em ciência, saúde e espiritualidade. *Ciência e Cultura*, [S. l.], v. 68, n. 1, p. 54-57, 2016. DOI: 10.21800/2317-66602016000100016. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252016000100016&lng=pt&tlng=pt](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000100016&lng=pt&tlng=pt).

NUMBERS, R. L. Mitos e verdades em ciência e religião: Uma perspectiva histórica. *Archives of Clinical Psychiatry* (São Paulo), [S. l.], v. 36, n. 6, p. 250-255, 2009. DOI: 10.1590/S0101-60832009000600006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832009000600006&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832009000600006&lng=pt&nrm=iso&tlng=en).

NUMBERS, R. L. *Terra plana, Galileu na prisão e outros mitos sobre ciência e religião*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

OLIVEIRA, R. A. Saúde e espiritualidade na formação profissional em saúde: Um diálogo necessário. *Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba*, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 54-55, 2017. DOI: 10.23925/1984-4840.2017v19i2a1.

PAULINO, P. R. V. Religiosidade/Espiritualidade em uma amostra nacional de psicólogos brasileiros: Perfil e implicações na prática profissional. 2019. Tese de Doutorado em Psicologia (ainda não publicada) - Universidade Federal de Juiz de Fora, [S. l.], 2019.

PEREIRA, K. C. L.; HOLANDA, A. F. Espiritualidade e religiosidade para estudantes de psicologia: Ambivalências e expressões do vivido. *Revista Pistis Praxis*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 385-413, 2016. DOI: 10.7213/PP.V8I2.1405. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/1405>.

PINHO, R. B. S. *Crenças religiosas e conhecimento psicológico na perspectiva do aluno do curso de psicologia*. 2012. 86 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [S. l.], 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15114>.

POLKINGHORNE, D. E. *Narrative psychology*. New York: Suny Press, 1988.

PROPP, V. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984. (Original publicado em 1928).

QUINHONES, D. G.; HOLANDA, A. F. Laicidade, secularização e Psicologia: Aspectos de um dilema ético e histórico. In: QUINHONES, D. G.; LOPES, R. (org.). *Ética e Psicologia: Reflexões na pandemia e para além dela*. Curitiba: CRV, 2022.



REUBEN, J. *The making of the modern university: Intellectual transformation and the marginalization of morality*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

SALVIATI, M. E. *Manual do aplicativo Iramuteq*. 2017. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati>.

SARBIN, T. R. *Narrative psychology: The storied nature of human conduct*. New York: Praeger, 1986.

SCHNEIDERS, L. A. *O método da sala de aula invertida (flipped classroom)*. Lageado: Ed. da Univates, 2018. Disponível em: [https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/256/pdf\\_256.pdf](https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/256/pdf_256.pdf).

SILVA, L. A. C. Espiritualidades e bem-estar espiritual no processo formativo de estudantes de psicologia do Recife-PE à luz da abordagem Integral/Transpessoal. 2016. 234 f. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal de Pernambuco, [S. l.], 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18066>.

SOUZA, F. F. *Psicologia e espiritualidade: Grupo temático com alunos adventistas de graduação em Psicologia*. 2014. 155 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [S. l.], 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15381>.

STARBUCK, E. D. *The psychology of religion: An empirical study of the growth of religion consciousness*. New York: Scribner's Sons, 1899.

SWATOWISKI, C.; SILVA, D.; ALVARENGA, O. Religião no contexto universitário: Uma pesquisa entre estudantes de Ciências Sociais e Psicologia da UFU. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, [S. l.], v. 20, n. 2, 2019. DOI: 10.12957/irei.2018.39031. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/39031>.

VIEIRA, A. G. Do conceito de Estrutura Narrativa à sua crítica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 599–608, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000300015>.

VIEIRA, T. M.; ZANINI, D. S.; AMORIM, A. P. Religiosidade e Bem-Estar Psicológico de Acadêmicos de Psicologia. *Interação em Psicologia*, [S. l.], v. 17, n. 2, 2013. DOI: 10.5380/psi.v17i2.26678. Disponível em: <https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/viewFile/26678/22689>.

RECEBIDO: 14/11/2022  
APROVADO: 29/11/2022

RECEIVED: 11/14/2022  
APPROVED: 11/29/2022